



## Educação Patrimonial

(O presente texto de apoio tem como base excertos do trabalho de mestrado “Dar voz aos objectos, contributos dos documentos de vida na construção de um museu de escola” e outra investigação realizada no âmbito do património.)

### *A produção social da memória<sup>1</sup>*

*Cada memória individual  
é um ponto de vista sobre a memória  
colectiva.*

Halbwachs

### **Memória individual e social – aspectos da dialéctica**

Todos nós vivemos entre vestígios de tempos anteriores sendo que em cada declaração e cada acção que realizamos emerge um conteúdo residual de tempos pretéritos do qual não nos apercebemos pois se confunde com o tempo presente.

Não é possível lembrar tudo; esquecemos a maioria das experiências vivenciadas e só retemos aquelas que possuem significado, isto é, são funcionais para a nossa existência; por isso, as lembranças não são cogitações prontas do passado vivido ou experimentado e que permanecem

---



## Educação Patrimonial

no presente de forma inalterada, porque guardadas em algum lugar da nossa consciência, que retomam com fidelidade elucidando sobre factos e situações anteriormente vividas e em que se recuperam e relatam os factos na forma como realmente aconteceram. “O movimento da memória na interioridade dos sujeitos é o de recuperar estas lembranças – de acordo com as necessidades do presente e as condições emocionais do sujeito – do plano do esquecimento, e colocá-las à disposição da consciência” (Kenski, 1997:145).

As recordações são selectivas, maleáveis baseadas em acções e percepções ulteriores e em esquemas que são frequentemente alterados, através dos quais representamos, simbolizamos e organizamos o mundo que nos rodeia. São eclécticas e flexíveis adquirindo aspectos multiformes de contínua mudança em que ampliamos determinados acontecimentos, eliminando outros e que são interpretados no espectro da experiência subsequente e da necessidade presente. Redesenha-se o passado vivido por forma a adequá-los a sentimentos e comportamentos do presente em que, o passado e o presente mesclam-se e dão à lembrança um sentido mais real, sendo esta relativizada pelas condições concretas, emocionais e actuais em que é recuperada (Kenski, 1997).

A missão basilar da memória não é tão somente prender-se a experiências anteriores ou preservar o passado mas sim ajustá-lo por forma a enriquecer e dar sentido ao presente.

O passado está fundado na memória que toca apenas de forma tangencial o nosso conhecimento do passado. A recuperação da memória é raramente



## Educação Patrimonial

sequencial, sendo a ordenação do passado lembrado divergente da experiência original, pois que a reorganização das lembranças e das ideias, em que cada acto de lembrar, altera novamente as lembranças.

A memória funciona por esquemas e guarda “fragmentos” que preenchamos de modo criativo com outros materiais guardados na memória. Segundo Damásio, o que é guardado na memória de um dado acontecimento vivenciado é apenas uma cópia que se transforma um meio para reconstruir uma imagem ou uma sequência de imagens.

Mas se são os indivíduos quem efectivamente recorda, o que há de social nessa memória? A resposta está no facto de grande parte da memória estar ligada à inclusão em grupos sociais de diversos tipos. Os grupos sociais constróem as suas imagens do mundo estabelecendo uma versão acordada do passado e, a sublinhar, que estas versões se estabelecem graças à comunicação e não por via de recordações pessoais (Fentress, 1992).

A memória refere-se a vivências e experiências individuais mas contem sempre aspectos da memória do grupo social onde esse indivíduo foi socializado, inserido numa memória oficial da sociedade, esta mais ampla, que é a memória colectiva, que expressa a versão consolidada de um passado colectivo de uma dada sociedade (Simsom,2000).

Segundo Maurice Halbwachs toda a memória se estrutura em identidades de grupo: recordamos a nossa infância como membro de uma família, a nossa vida profissional em função da comunidade da fábrica, sendo as recordações essencialmente memórias de grupo e a memória do indivíduo só existe na medida em que o indivíduo é um produto, provavelmente único, de determinada inserção em grupos. A memória é também uma construção



## Educação Patrimonial

social e depende do relacionamento do sujeito com o grupo social em que vive; trabalho de reconstrução alterada do passado de acordo com os valores e as referências culturais do grupo social ao qual o sujeito da memória pertence, na actualidade (Kenski,1997).

Esta versão parece mais consertada para o contexto pois não pretende ir tão longe como em Durkheim<sup>2</sup>, que considera a consciência colectiva *desligada* dos processos de pensamento individuais. Interessa aqui uma concepção de memória que, sem deixar de prestar plena justiça ao lado colectivo da vida consciente de cada um, não faça do indivíduo uma espécie de autómato, passivamente obediente à vontade colectiva interiorizada (Fentress, 1992). A memória surge como uma mistura *coloidal* composta por uma parte mais privada e pessoal, organizada segundo uma perspectiva social, pois que se estrutura pela linguagem, pelo ensino, pela observação, por ideias colectivamente assumidas e também por experiências partilhadas por e com outros.

A memória pode ser ao mesmo tempo subjectiva ou individual (porque se refere a experiências únicas vivenciadas pelo indivíduo) mas também social, porque é colectiva, pois se baseia na cultura de um agrupamento social e em códigos que são aprendidos nos processos de socialização, que se dão no âmago da sociologia (Simson,2000). A memória social pode ser entendida como “ a expressão da experiência colectiva: a memória social identifica o grupo, conferindo sentido ao seu passado e definindo as aspirações para o futuro (Fentress,1992:41).

---

<sup>2</sup> Segundo Durkheim aceita-se que as ideias sustentadas colectivamente são “factos sociais” e como tais, resultado de forças sociais e históricas. Por isso a memória é um facto social



## Educação Patrimonial

O passado lembrado é tanto individual como colectivo; embora a memória seja pessoal ela também transforma as experiências públicas em pessoais assim como as lembranças de outras pessoas se transformam em nossas. Na verdade, precisamos das recordações dos outros para validar as nossas, para as complementar e assim as adequar ao passado colectivamente lembrado, deixando de ser diferenciado. Saber o que fomos confirma o que somos e a nossa continuidade depende da memória que nos remete para a identidade, seja ela individual ou colectiva; sendo que a nossa cultura é memória é essa cultura social que fornece os “filtros” através dos quais os indivíduos que nela vivem podem exercer o seu poder de selecção, realizar as suas escolhas sobre determinados acontecimentos, descartando-os, ou guardando-os na memória (Simsom,2000).

Embora o passado possa ser narrado, se destituído de memórias tangíveis, porque imutáveis, parece ténue para ser aceitável, se houve passado necessitamos dos seus vestígios como factor de estabilidade.

O passado tangível, embora sobreviva na forma de características naturais ou artefactos, é mudo e estático (exprimindo apenas o momento), não tem vida própria e não é por si só um guia autónomo de épocas remotas. Os objectos são guias que invocam uma interpretação e por isso necessitam de ser ampliados por relatos, que traduzem pensamentos, sentimentos e acções... aqui a sua substância. Essa *concretude* existencial explica o seu apelo evocativo. Ao entrar num museu, cada um de nós é projectado na criação de um momento novo, ou na recriação de uma “concentração” do



## Educação Patrimonial

passado, associada à memória e subordinada ao tempo já vivido (e percorrido).

Um museu, através do seu acervo, que privilegia práticas quotidianas desenvolvidas nas escolas, permite o movimento de dar voz aos antigos utilizadores dos objectos (neste caso os alunos) numa perspectiva de resgate do passado através da riqueza dos depoimentos – História oral – como instrumento de compreensão mais abrangente, do significado da acção humana em sociedade organizada. Isto permite, não só, o registo da narrativa pessoalizada de cada um dos utilizadores, mas também o averbamento da narrativa plurifocal, para cada um dos objectos.

Por outro lado, os objectos ao cristalizarem diferentes densidades – de uso e simbólicas – permitem um trabalho directo: desocultar diferentes mensagens, recuperando o passado vivido no momento presente. Como refere Walter Benjamin é “escovar a História a contrapelo”, ou seja, recuperar, através das condições do momento presente (concretas e emocionais), o passado, num permanente movimento de memória em construção.

Ao entrar num museu cada um de nós é projectado na criação de um momento novo, ou na recriação de uma “concentração” do passado, associada à memória e subordinada ao tempo já vivido (e percorrido).

Esta concepção de memória (processo e não produto) não a desvirtua, pois o presente também ele não é solitário nem original – porquanto evoca continuamente tudo aquilo que experienciamos ao longo da vida, na nossa forma pessoal de relacionamento social (Janeirinho, 2001).



## Educação Patrimonial

A narrativa Histórica também não é, em exclusivo, um retrato do que aconteceu mas a construção de uma memória oficial, uniformizadora de lembranças, uma história filtrada e interpretada à luz do presente, por forma a torná-la inteligível obedecendo, na maioria das vezes, a sua exactidão, a interesses precisos que são a da ideologia dominante – separam-se as histórias da História.

A entrada em cena de múltiplas memórias, de “memórias subterrâneas”, faz aflorar conflitos entre memórias emergentes e memórias estabelecidas, estas organizadoras da ordem social sendo que, a sua presença, questiona a tentativa de memória única e a presença do múltiplo obriga os poderes a negociarem a sua legitimidade.

Por outro lado, a existência de memórias marginais ou subterrâneas corresponde a versões sobre o passado de grupos dominados de uma dada sociedade e que, por não estarem *momumentalizadas*, só se registam através da utilização do método biográfico ou da história oral, passando assim a fazer parte da memória colectiva de uma dada sociedade.

Da história e da memória reconfiguramos o passado, constituído individualmente mas com uma textura colectiva. A memória migra para além da história assumindo dimensões íntimas e subjectivas mas com a componente colectiva que lhe imprime uma forma de compreensão e que a legitima. Esse passado recontado e “aprisionado” em palavras, é a imobilização da memória tecida e construída através de atribuição de sentido a factos e a episódios desconexos, verificando-se uma porosidade



## Educação Patrimonial

na fronteira da temporalidade entre o tempo em que se desenrolaram os acontecimentos e a redacção da narrativa, que é essa fixação de uma dada lembrança vivida – a narrativa da memória.